



Ô abre-alas que o Mulherio vai passar, agora em língua inglesa

Make room because here comes Mulherio, now in English

Fernanda Guida

Spelman College, Atlanta, Georgia/Estados Unidos

fernandasilvaguida@spelman.edu

<http://orcid.org/0000-0001-5212-6084>

Livro de bolsa. Sim, livro de bolsa, e não de bolso, é a associação feita aos livros publicados nas coletâneas do Mulherio das Letras. O trocadilho, irreverente e criativo, além de expressar todas as características que o nome sugere – livro com um formato pequeno, de leitura prática, com menores custos e de fácil transporte, neste caso, numa bolsa – traz consigo a forte mensagem de um coletivo criado em 2017, cujo papel é dar visibilidade, assim como ampliar a participação de mulheres no panorama literário brasileiro e a sua presença no exterior. A potente mensagem do coletivo também é pronunciada ao desestabilizar o substantivo “Mulherio” (informação verbal).¹ Pois, apesar de ser sinônimo de “grande quantidade de mulheres” e “grupo de mulheres”, o verbete muitas vezes carrega um significado pejorativo associado a histerismo, barulho e/ou gritaria vindos de um grupo de mulheres. Contudo, ao abrir espaço para que milhares de mulheres em coro desafiem o contexto editorial há muito liderado por homens, o coletivo propicia um ambiente para que essas mulheres sejam representadas em claro e bom tom. Como resultado, a Coleção I do Mulherio das Letras, organizada pela escritora Karine Bassi e publicada pela Editora Venas Abiertas, foi um dos finalistas do prêmio Jabuti de 2020, na categoria de Inovação: Fomento à leitura.

O Mulherio das Letras é também representado nos Estados Unidos e na Europa, contando com grupos liderados por articuladoras em diferentes países. Um dos efeitos dessa expansão é a disseminação de produções

¹ Apontado por uma das articuladoras do Mulherio das Letras nos Estados Unidos, Cris Lira, em sua fala aos alunos da University of Pennsylvania em 14 de fev. 2021.

literárias do coletivo em universidades no exterior. A respeito do Mulherio das Letras nos Estados Unidos, foco desta entrevista, parte dos desafios encontrados para a propagação de tais obras no país é o fato de que estas são escritas em língua portuguesa. Por conseguinte, está sendo criada a primeira coletânea bilingue (português-inglês) do Mulherio das Letras, nos Estados Unidos, a fim de aproximar a produção de obras brasileiras ao contexto universitário norte-americano e fomentar a expansão do protagonismo literário feminino, seja através da presença de autoras, seja através de suas personagens, porém, agora para leitores de língua inglesa.

As articuladoras do Mulherio das Letras nos Estados Unidos são: Angela Rodriguez Mooney (Tuskegee University), Cecília Paiva Ximenes Rodrigues (University of Georgia), Cris Lira (University of Georgia), Lígia Bezerra (Arizona State University) e Luana Reis (University of Pittsburgh). A entrevista que segue foi concedida em formato digital por Angela Rodriguez Mooney a fim de abordar, principalmente, a primeira coletânea bilingue organizada pelo Mulherio das Letras nos Estados Unidos.

Fernanda Guida: *O que é o Mulherio das Letras nos Estados Unidos e o que significa a sua presença no contexto norte-americano?*

Angela Rodriguez Mooney: O Mulherio das Letras nos Estados Unidos é um coletivo que visa reunir a força das vozes de mulheres lusófonas na literatura. Esse movimento, criado no Brasil em 2017 e que entre suas idealizadoras conta com a presença da escritora Maria Valéria Rezende, se multiplicou e está presente, hoje, em diversos países. Talvez pela especificidade das articuladoras desse movimento, formado por cinco pesquisadoras e professoras de literatura, cultura e língua portuguesa em universidades americanas, o Mulherio das Letras nos Estados Unidos também visa valorizar e incentivar o trabalho de pesquisadoras e, sobretudo, das pesquisas focadas na literatura produzida por mulheres. Isso porque a ausência de vozes femininas no campo literário também se reproduz dentro das pesquisas acadêmicas. Ao considerarmos a importância da academia na validação de obras literárias, pareceu-nos claro que ambas as produções devam ser incentivadas e divulgadas.

O Mulherio das Letras nos Estados Unidos foi criado no final de 2018, e o primeiro encontro aconteceu em um congresso chamado SAMLA (South Atlantic Modern Language Association), entre os dias 8 e 10 de novembro, na cidade de Atlanta. Através da University of Georgia, conseguimos verba

para trazer para esse encontro a poeta Cristiane Sobral, que realizou uma apresentação ao final da conferência. Nesse encontro, organizamos também diversas mesas com escritoras e pesquisadoras, cujo objeto de pesquisa fosse a literatura produzida por mulheres. Foram três dias intensos de muita troca de conhecimentos e também afeto. Encerramos o evento com a convicção de que deveríamos incentivar a publicação de escritoras, contribuindo assim para um movimento que já acontece no Brasil, onde escritoras e escritores que não participam do circuito das grandes editoras, de forma independente ou coletiva, através de editais e/ou em editoras populares, alternativas ou especializadas em comunidades específicas, publicam suas obras, descentralizando e desafiando o campo literário e suas regras, algumas tácitas e outras explícitas, de participação e exclusão.

FG: *Como nasceu a ideia de publicar uma coletânea bilíngue de poesia do Mulherio das Letras nos Estados Unidos? Qual é o escopo e o objetivo do projeto?*

ARM: A primeira coletânea bilíngue do Mulherio das Letras nos Estados Unidos reúne poemas de 47 escritoras de identidades diversas. Entre elas, 14 se identificaram como mulheres negras, 4 pertencentes à comunidade LGBTQIA+ e 3 como indígenas. Estimamos que a coletânea será publicada no primeiro semestre de 2022.

Acredito que dois motivos contribuíram para que essa coletânea fosse imaginada de forma bilíngue. Primeiro, a nossa localização. Vivemos nos Estados Unidos e trabalhamos com a língua inglesa, sabemos da importância e das dificuldades encontradas por autoras que desejam ter seus textos traduzidos ao inglês. Esse processo geralmente obedece a regras rígidas de mercado e de recepção, e impede que a maioria das autoras sejam conhecidas fora do Brasil. Essa ausência de tradução para o inglês de textos de autoria feminina, sobretudo daquelas que não publicam em grandes editoras, mas também entre elas, é sentida por nós, professoras que ensinamos literatura em universidades norte-americanas. Na preparação de aulas, é constante a dificuldade de encontrar textos de escritoras brasileiras traduzidos ao inglês, especialmente quando buscamos obras que trabalhem com experiências e vozes plurais, obras nas quais, por exemplo, se encontrem protagonistas e/ou narradoras negras, indígenas, ou de mulheres que vivem na periferia dos centros urbanos etc.

FG: *O processo de tradução dos poemas foi feito de forma coletiva. Imagino que essa empreitada tenha levantado desafios, assim como oportunidades. Você poderia comentar um pouco sobre ambos?*

ARM: Sim, quando realizamos o primeiro encontro do Mulherio, muitas pesquisadoras/es e escritoras demonstraram interesse em participar e colaborar com o movimento. Sabíamos, desde o início, que a publicação seria bilíngue. A tradução dos textos foi sem dúvida um dos principais desafios na realização desse projeto. Em março de 2021, entramos em contato com a comunidade de brasilianistas aqui nos Estados Unidos, pesquisadoras e pesquisadores que trabalham com a literatura brasileira e que, obviamente, possuem um conhecimento extenso do português e do inglês, da literatura e das culturas desses dois países. Claramente, a tradução de um poema exige mais que o domínio de dois códigos linguísticos, e esse trabalho certamente se apresentou como um desafio não somente para nós, mas também para as pessoas que aceitaram essa empreitada. Ainda que todos envolvidos nessa fase do projeto tenham consciência da responsabilidade que é a tradução de textos líricos, contamos também com uma segunda fase, em que os textos traduzidos foram revisados por um segundo coletivo de tradutoras e tradutores voluntários, esses últimos com maior experiência de tradução de textos criativos. Mas, sim, trata-se de um grande desafio e oportunidade. Apenas realizando as traduções, contamos com vinte e seis voluntárias e voluntários. Tanto a primeira como a segunda fase foram realizadas em conjunto com as escritoras, o que torna todo o projeto um grande mosaico, a união de pessoas que atuam em campos diversos, unidas pelo objetivo de visibilizar a produção poética de um grupo diverso de escritoras.

FG: *Quais foram os critérios utilizados para selecionar os poemas da coletânea, assim como o processo para determinar e convidar os vinte e seis tradutores e tradutoras voluntários?*

ARM: Na segunda metade de 2020 publicamos nas redes sociais a chamada para a publicação do primeiro volume bilíngue de poesia (português-inglês) do Mulherio das Letras nos Estados Unidos. Também enviamos o convite diretamente a diversos coletivos, saraus e slams no Brasil.

A verba, conseguida pela professora Cecília Paiva Ximenes Rodrigues da University of Georgia, por meio de uma bolsa do governo americano oferecida pelo Departamento de Educação para difusão de línguas minoritárias

(NCR Title VI), permitiu que não houvesse custos algum às escritoras. Ao total, recebemos 158 poemas que foram anonimizados e enviados a uma equipe avaliadora composta por seis mulheres: quatro mulheres negras e cis, uma mulher negra e trans e uma mulher branca e cis, todas elas envolvidas com o fazer literário, sendo que três delas são professoras universitárias e as outras três são poetas. Pedimos às avaliadoras que elessem poemas, durante a classificação, seguindo os seguintes critérios: A) adequação ao gênero; B) conexão entre título e conteúdo; C) criatividade; D) originalidade; E) ritmo; F) uso de figuras de linguagem e G) riqueza do tema.

Todos os poemas que receberam entre 6 e 3 votos foram selecionados para a coletânea.

Já a seleção de tradutoras e tradutores voluntários aconteceu de modo mais intuitivo. Enviamos os convites a colegas de trabalho e escritoras que vivem aqui nos Estados Unidos. São pessoas com as quais compartilhamos interesses de pesquisa e/ou temos algum relacionamento profissional. Aqueles com mais experiência em traduções que, inclusive já traduziram poemas do português ao inglês, fazem parte da segunda etapa do trabalho, revisando as traduções.

FG: *Os poemas originais foram escritos apenas por mulheres e o processo de tradução também foi feito por homens. Essa decisão foi complexa no contexto do Mulherio? Qual foi o raciocínio que levou a essa decisão?*

ARM: Inicialmente, conversamos se deveríamos convidar apenas tradutoras na realização do projeto, mas essa ideia acabou sendo abandonada. Como sabemos, a tradução de poemas não é uma atividade simples, requer seu tempo, elemento que nos falta a todas hoje em dia, sobretudo quando tentamos manter nossos compromissos profissionais e familiares em um contexto de pandemia. Não poderíamos, por exemplo, solicitar a tradução de um número grande de poemas a uma única pessoa, ainda mais quando este trabalho está sendo realizado de modo voluntário.

Outra razão, e talvez ainda mais forte, seja o fato de sabermos que nossos colegas tradutores são pessoas que compreendem a importância e a urgência da valorização de novas vozes no campo literário, são pessoas cujo trabalho conhecemos e que se alinham com os ideais do Mulherio.

FG: *O que você pensa sobre o papel desempenhado pelos tradutores e tradutoras comparado ao das autoras?*

ARM: Em nosso projeto, acredito que o papel das autoras e das tradutoras e tradutores é complementar. Se por um lado, o comprometimento maior das autoras é com sua arte, com a força de sua palavra, com a necessidade de ocupar um espaço no fazer literário; o papel dos tradutores se aproximaria mais ao ativismo. Sabemos da importância da tradução ao inglês para que obras possam ser apreciadas fora do Brasil. Claro que a tradução em si, esse percurso entre dois mundos, se aproxima do fazer artístico. Do mesmo modo, poderíamos dizer que muitos dos poemas selecionados também se apresentam políticos. Por exemplo, questões identitárias e raciais são temas centrais em muitos poemas reunidos na coletânea.

FG: *A respeito do processo de tradução, algumas pessoas acreditam que sempre se “perde” algo ao traduzir-se um texto. Qual é a sua visão sobre o processo de tradução literária, especificamente? Você acha que esse projeto se torna uma tarefa mais complexa por se tratar de poesia, ou seja, uma forma escrita cuja mensagem está também atrelada às rimas, à sonoridade, à forma do poema?*

ARM: Sim, é verdade que ao traduzir encontramos diferentes níveis de desafio, além do ritmo e da rima, algumas palavras ou construções nem sempre fazem parte da estrutura gramatical do idioma ao qual se traduz, isso sem mencionar tradições poéticas distintas que devem ser consideradas durante o processo de tradução. Ainda assim, não creio que esses desafios representem necessariamente perdas, e sim possibilidades, chances de revisitar o texto a partir de outras perspectivas. Talvez ao invés de tradutores poderíamos pensar em intérpretes, pessoas capazes não somente de realizar a passagem entre dois códigos, mas de adentrar e vivenciar a linguagem da poeta (e cada poeta possui sua própria linguagem). Daí a importância do contato, se possível, dos tradutores com as poetisas. Propomos essa aproximação às tradutoras e tradutores em nossa primeira coletânea, pensamos que esse trabalho deva ser realizado em conjunto.

Mas, enfim, essa é uma discussão constante. Recentemente, presenciei um encontro onde o tradutor iraniano Mohsen Emadi defendeu a ideia de tradução não como interpretação, mas como “um tipo de experiência” que se traslada de um lugar ao outro. Pessoalmente, acho que há perda apenas

quando não se consegue atravessar a fronteira. Quando esse traslado acontece com sucesso, no entanto, mais que uma perda, acredito mesmo que aconteça um ganho tremendo.

FG: *Na sua opinião, um leitor-tradutor recebe e internaliza o texto de forma distinta dos outros leitores?*

ARM: Não sou tradutora então acho difícil responder essa questão. Acredito que a tradutora ou o tradutor possui, obviamente, conhecimentos e experiências específicas. Todos os conhecimentos e experiências, todo nosso repertório, interage no modo como recebemos um texto.

FG: *O que o Mulherio das Letras nos Estados Unidos espera alcançar com este projeto?*

ARM: Pretendemos incentivar a publicação de escritoras, divulgar suas obras entre as críticas e críticos literários, contribuir para uma maior diversidade de obras traduzidas ao inglês e incentivar o surgimento de novas iniciativas que promovam a literatura escrita por mulheres, bem como a tradução dessas obras ao inglês. Pretendemos, também, apoiar a editoras populares, como é o caso das Venas Abiertas, editora onde publicaremos nossa primeira coletânea bilíngue de poemas.

Recebido em: 25 de abril de 2021.

Aprovado em: 30 de junho de 2021.